

CONHECIMENTO DA EQUIPE DE ENFERMAGEM FRENTE AOS PRINCIPAIS TIPOS DE INFECÇÕES HOSPITALARES

José Ramos Batista¹
KamilaNethielly Souza Leite²
Silvia Ximenes Oliveira³
Raquel Campos de Medeiros⁴

RESUMO: A infecção hospitalar (IH) é um dos grandes problemas enfrentados pelos profissionais de saúde e pacientes. Os profissionais de enfermagem desempenham um papel importantíssimo na prevenção e controle das infecções hospitalares. O objetivo dessa pesquisa é desvelar o conhecimento da equipe de enfermagem frente às infecções hospitalares. A pesquisa trata-se de um estudo exploratório-descritivo. O universo populacional é 40 profissionais de enfermagem, sendo 30 técnicos de enfermagem e 10 enfermeiros, do Hospital Regional Emília Câmara da cidade de Afogados da Ingazeira-PE. O instrumento que foi utilizado para coleta de dados foi em forma de um questionário. Os principais resultados encontrados foram: A percepção dos profissionais de enfermagem sobre Infecção Hospitalar pode-se observar que 100% dos enfermeiros e 96,7% dos técnicos de enfermagem tem conhecimento sobre a infecção hospitalar. Os dados coletados mostram que 80% dos enfermeiros e 70% dos técnicos de enfermagem usam o EPI (Equipamento de Proteção Individual) corretamente. 90% dos enfermeiros e 96,7% dos técnicos de enfermagem conhecem e técnica correta para lavagem das mãos. Se tratando das principais Infecções hospitalares acometidas no bloco identificou-se: Infecções do Sítio Cirúrgico (ISC), Infecção do trato respiratório (ITR) e a Infecção no Trato Urinário (ITU). Pode-se concluir que a enfermagem apresenta grande importância para redução dos níveis de infecções nos hospitais e o modo mais fácil e correto de prestar essa assistência é realizando os procedimentos e o cuidar com os equipamentos de proteção individual e conhecimento das técnicas assépticas.

Palavras-chave: Infecção hospitalar; enfermagem; Equipamento de Proteção Individual.

ABSTRACT: Hospital infection (IH) is one of the major problems faced by healthcare professionals and patients. Nursing professionals play a very important role in the prevention and control of hospital infections. The objective

¹ Acadêmico do Curso Bacharelado em Enfermagem pelas Faculdades Integradas de Patos. E-mail: zezinhoo_86@hotmail.com

² Orientadora. Enfermeira. Docente das Faculdades Integradas de Patos. Mestre pelo Programa de Pós Graduação em Enfermagem da UFPB. Doutoranda em Pesquisa em Cirurgia pela FCMSP. E-mail: ka_mila.n@hotmail.com

³ Enfermeira. Docente das Faculdades Integradas de Patos. Mestre em Enfermagem pela UFRN. Doutoranda em Ciências da Saúde pela Faculdade de Ciência Médicas da Santa Casa de São Paulo. E-mail: silviaxoliveira@hotmail.com

⁴ Enfermeira. Docente das Faculdades Integradas de Patos. Doutora em Ciências da Saúde pela Faculdade de Ciência Médicas da Santa Casa de São Paulo. E-mail: raquelfip@hotmail.com

of this research is to: Unveil the role of nurses in the face of hospital infections. The research is an exploratory-descriptive study. The population population is 40 nursing professionals, 30 nursing technicians and 10 nurses, from the EmíliaCâmara Regional Hospital in the city of Afogados da Ingazeira-PE. The instrument that was used for data collection was in the form of a questionnaire. The main results were: The perception of nursing professionals about Hospital Infection can be observed that 100% of nurses and 96.7% of nursing technicians have knowledge about hospital infection. The data collected show that 80% of nurses and 70% of nursing technicians use PPE (Personal Protective Equipment) correctly. 90% of nurses and 96.7% of nursing technicians are familiar with the correct technique for hand washing. In the case of the main hospital infections in the block, we identified: Surgical Site Infections (ISC), Respiratory Tract Infection (RTI) and Urinary Tract Infection (UTI). It can be concluded that nursing is very important for reducing the levels of infections in hospitals and the easiest and correct way to provide this assistance is to perform the procedures and to take care of the personal protective equipment and knowledge of aseptic techniques.

key words:Hospital infection; Nursing; Individual Protection Equipment.

INTRODUÇÃO

A infecção hospitalar (IH) ou Infecção Nasocomial é um dos grandes problemas enfrentados pelos profissionais de saúde e pacientes, devido aos diversos procedimentos invasivos, avanços tecnológicos e o surgimento de microorganismos multirresistentes aos antimicrobianos usados diariamente nos hospitais tornaram esta uma grande barreira encontrada no ambiente hospitalar (FONSECA; PARCIANELLA, 2014).

A Portaria Nº 2616/98 do MS define Infecção Hospitalar aquela adquirida após admissão do paciente e que se apresenta durante a internação ou após a alta. Os principais fatores contribuintes para a IH estão relacionados com: a idade do paciente e as doenças crônicas degenerativas (diabetes e neoplasias); procedimentos incorretos; erros na antissepsia da pele e na esterilização de materiais; circulação de várias pessoas no ambiente hospitalar, e principalmente o uso errado de antimicrobianos e a não lavagem básica das mãos pelos profissionais (SANTOS et al., 2014; BATISTA et al., 2012).

A IH é um problema de saúde pública, pois, é uma das principais causas de morte entre pacientes internados. Os custos financeiros dessa complicação é um tanto quanto significativo, uma vez que o paciente necessitará de tratamentos diferenciados e de elevado custo e, conseqüentemente, um prologando tempo de internação (FONSECA; PARCIANELLA, 2014).

Com isso, constituíram políticas de saúde para a área hospitalar, exigindo a criação da comissão de controle de infecção hospitalar (CCIH). A Lei Federal nº 9431 de 1997 institui a obrigatoriedade da existência da CCIH, onde o MS o define como um órgão de autoridade máxima da instituição e de execução das ações ao controle de infecção (DUTRA et al., 2015).

O controle e a prevenção de IH fazem parte dos cuidados da enfermagem desde a época da precursora, Florence Nightingale, que prestava assistência aos pacientes, desenvolvendo princípios filosóficos como a valorização do meio ambiente, suas condições de higiene, iluminação, temperatura, odor e ruídos (CAMARGO; MARTINATO; SILVEIRA, 2015).

Nos dias atuais, os profissionais de enfermagem desempenham um papel importantíssimo na prevenção e controle das infecções hospitalares, pois realizam o contato direto com o indivíduo, procedimentos invasivos e potencialmente contaminados, além da manipulação de equipamentos, instrumentos e medicações do paciente (BATISTA et al., 2012).

Diante disso, faz-se necessário que o enfermeiro, para prestar assistência aos usuários, e para atuar com a equipe de saúde, esteja frequentemente se atualizando em relação à temática, mantendo sempre o foco no conhecimento científico, preservando a postura ética e crítica na assistência aos pacientes (DUTRA et al., 2015).

A justificativa do presente estudo foi de conhecer a verdadeira importância da equipe de enfermagem frente as infecções hospitalares, mostrando os principais tipos de infecções e as formas de utilização de EPI como forma de prevenção.

Com base em tais pressupostos, questiona-se: Qual o conhecimento da equipe de enfermagem frente às infecções hospitalares? Será que a equipe de enfermagem utiliza de forma adequada os EPI? E, quais tipos de infecções mais frequentes? Logo, os objetivos dessa pesquisa são: Desvelar o conhecimento da equipe de enfermagem frente às infecções hospitalares, identificar os tipos mais frequentes de infecções hospitalares e verificar o uso de EPI pela equipe de enfermagem.

METODOLOGIA

A pesquisa trata-se de um estudo exploratório-descritivo com abordagem quantitativa utilizando o universo populacional com 40 profissionais de enfermagem, sendo 30 técnicos de enfermagem e 10 enfermeiros, do Hospital Regional Emília Câmara da cidade de Afogados da Ingazeira-PE. A amostra da pesquisa foi composta pelos 40 profissionais de Enfermagem, técnicos de enfermagem e enfermeiros. Como critério de Inclusão foram idade a partir de 18 anos, e que tiverem mais de um ano de trabalho na instituição, como critério de exclusão aqueles profissionais que não trabalham mais nessa instituição.

O instrumento que foi utilizado para coleta de dados foi em forma de um questionário sem-estruturado, composto por duas partes: dados sócio-demográficos e dados referentes ao tema da pesquisa.

A coleta de dados foi realizada período de janeiro e fevereiro de 2017, com tempo de 15 minutos para a resposta de cada participante, no ambiente de trabalho dos entrevistados. Antes de iniciar a coleta, os usuários foram informados dos objetivos do estudo e de todos os seus direitos em participar ou desistir da pesquisa quando assim desejar.

Após a entrevista, os dados foram analisados estatisticamente de acordo com as variáveis quantitativas e qualitativas. Os resultados estão expressos em tabelas para melhor compreensão dos resultados e discussão dos mesmos.

O desenvolvimento deste estudo está de acordo com os pressupostos da Resolução 466/2012 que regulamenta as pesquisas envolvendo seres humanos, normatizada pelo Conselho Nacional de Saúde, desta forma, garante o anonimato dos participantes deste estudo (BRASIL, 2012).

O projeto foi cadastrado na Plataforma Brasil com número de CAEE: 64091417.0.0000.5181, visando seu encaminhamento ao Comitê de Ética em Pesquisa, com base na resolução mencionada anteriormente. Os profissionais do serviço de saúde que decidiram participar da pesquisa assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido autorizando a sua participação

RESULTADOS E DISCURSÃO

Tabela 1 – Dados demográficos. Enfermeiro (Enf.) n =10 e Técnicos de enfermagem (tec.) n=30. Afogados da Ingazeira-PE, 2017.

Idade dos enfermeiros e técnicos de enfermagem	Enf. (%)	Tec. (%)
Faixa etária		
Entre 41 anos ou mais	20% (2)	30% (9)
Entre 21 e 30 anos	30% (3)	30% (9)
Entre 31 e 40 anos	50 % (5)	33,3 % (10)
Menor que 20		6,7% (2)
Grau de Instrução		
Ensino médio	100% (10)	100% (30)
Estado civil		
Casado (a)	20% (2)	46,7% (14)
Viúvo (a)	3,3% (1)	
Solteiro (a)	80% (8)	50% (15)
Renda Salarial		
Salário mínimo	10% (1)	53,3% (16)
2 a 3 salários	20% (2)	36,7% (11)
Menos de um salário	60% (6)	6,7% (2)
3 a 4 salários	10% (1)	3,3% (1)

Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

Os dados sócio-demográficos da tabela 1 mostram que existem distintos resultados em relação aos dados sociodemográficos da equipe de enfermagem do Hospital Regional de Afogados da Ingazeira. A faixa etária com maior frequência para os enfermeiros foi entre 31 e 40 anos 50% (5 enfermeiros) com idade média de 30 anos; Com relação aos técnicos de enfermagem, a faixa etária com maior frequência também foi entre 31 e 40 anos 33,3% (10 técnicos) com idade média de 29,6. Esses dados condizem com pesquisas nacionais onde mostram que a maioria dos enfermeiros se encontram na faixa etária acima dos 30 anos (FERNANDES et al., 2010).

Todos os 40 profissionais possuem ensino médio completo, de acordo com o Conselho Federal de Enfermagem, COFEN (2015), a maioria dos profissionais de enfermagem desejam se qualificar profissionalmente na área, os trabalhadores de nível médio (técnicos e auxiliares) apresentam escolaridade acima da exigida para realizar suas atribuições.

Os dados mostram que 80% (8) dos enfermeiros são solteiros e 20% (2) casados. Em relação aos técnicos de enfermagem a maioria 50% (15) são

solteiros, 3,3% (1) viúvo e 46,7% (14) são casados. Considerando a renda mensal dos profissionais de enfermagem constata-se que a maioria dos enfermeiros 60% (6 enfermeiros) recebem menos de um salário mínimo, 20% (2) de 2 à 3 salários, 10%(1) recebem um salário mínimo e apenas 10% (1) da amostra recebem entre 3 e 4 salários mínimos. Em relação aos técnicos de enfermagem 53,3% (16) recebem um salário mínimo; 36,7% (11) entre 2 e 3 salários; 6,7% (2) menos de 1 salário mínimo e 3,3 % (1) 3 à 4 salários mínimo.

Uma pesquisa realizada com os profissionais de enfermagem brasileiros pelo Conselho Federal de Enfermagem – COFEN (2015) mostra que 1,8% dos profissionais de enfermagem brasileiros recebem menos de um salário mínimo por mês, 16,8% recebem um salário mínimo, e os demais recebem mais de um salário mínimo por mês.

Tabela 2- Conhecimento sobre a responsabilidade do enfermeiro frente as infecções hospitalares e treinamento para prevenção. Afogados da Ingazeira-PE, 2017.

Profissionais Enf. N=10, Téc. N=20	Conhecimento sobre infecção	Treinamento e Prevenção
Enfermeiros	100% (10)	70 % (7) 30% (3)
Técnicos	96,7% (29) 3,3% (1)	80% (24) 20% (6)

Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

É possível visualizar na tabela 2, que a percepção dos profissionais de enfermagem sobre Infecção Hospitalar pode-se observar que 100% (10) dos enfermeiros e 96,7% (29) dos técnicos de enfermagem tem conhecimento sobre a infecção hospitalar. No que se diz respeito a treinamentos e prevenção contra as infecções 70% (7) dos enfermeiros e 80% (24) dos técnicos realizaram treinamento e prevenção adequadas.

A assistência prestada aos pacientes hospitalizados é um tanto quanto complexa, por isso os profissionais de enfermagem, assim como os demais profissionais de saúde, precisam dispor de conhecimento técnico-científico, competências e habilidades específicas além de conhecer as normas da instituição e ministério da saúde, bem como os equipamentos utilizados e os procedimentos realizados. Por mais preparada e treinada que uma equipe

esteja, erros poderão acontecer. Os riscos crescem quando procedimentos, protocolos, rotinas, técnicas, material e equipamentos utilizados na prática forem inadequados (FASSINI; HAHN, 2012).

Tabela 3-O uso de EPI corretamente e fornecimento pela instituição. Afogados da Ingazeira-PE, 2017.

Profissionais Enf. N=10, Téc. N=20	Usa o EPI corretamente	Fornecimento de EPI pela instituição
Enfermeiros	80% (8) 20% (2)	70 % (7) 30% (3)
Técnicos	70% (21) 30% (9)	80% (24) 20% (6)

Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

Diante dos dados expostos na tabela 3, o uso correto dos EPI e fornecimento pela instituição, os dados coletados mostram que 80% (8) dos enfermeiros e 70% (21) dos técnicos de enfermagem usam o EPI (Equipamento de Proteção Individual) corretamente, enquanto 20% (2) dos enfermeiros e 30% (9) dos técnicos relatam não fazer uso corretamente dos equipamentos de proteção. Uma das formas de evitar acidentes com maiores proporções é o uso de equipamento de proteção individual (EPI). Trata-se de uma barreira protetora para o trabalhador e para o paciente.

No geral, 72,5% dos profissionais utilizam os equipamentos de proteção adequadamente e 27,5% não. O resultado mostra-se diferente dos resultados de outras pesquisas encontradas na literatura, onde mostra que uma parte significativa dos funcionários quase 70% não fazem uso dos EPI ou fazem uso incorreto dos equipamentos (TALHAFERRO; BARBOZA; OLIVEIRA, 2008).

Na literatura encontraram-se como principais motivos para o não uso dos EPI a ausência deles ou o seu tamanho inadequado, difícil acesso, falta de recursos da instituição, pressa para realização dos procedimentos assim como autoconfiança na realização deles, resistência, inconveniência do seu uso, desconhecimento do seu papel preventivo (TALHAFERRO; BARBOZA; OLIVEIRA, 2008).

Em relação a instituição 70% (7) dos enfermeiros e 80%(24) dos técnicos relatam que é distribuído pelo hospital os equipamentos de proteção, enquanto 30% (3) dos enfermeiros e 20% (6) dos técnicos relatam que não.

De acordo com a NR-6, “é obrigação da empresa fornecer aos empregados, gratuitamente, EPI adequado ao risco, em perfeito estado de conservação e funcionamento”. O que ocorre na instituição pesquisada. É função do empregado utilizar o equipamento apenas para a finalidade que é destinado e responsabilizar-se pela guarda e conservação, comunicar aos responsáveis qualquer alteração que surgir e que o trone impróprio para o uso (BRASIL, 2007).

Tabela 4-Conhecimento da técnica correta para lavagem das mãos e tipos de infecções que mais acometem os pacientes no bloco. Afogados da Ingazeira-PE, 2017.

Profissionais Enf. N=10, Téc. N=20	Técnica de lavagem das mãos	Principais tipos de infecções no bloco
Enfermeiros	90% (9) 10% (1)	ISC*- 80% (8) ITR-* 20% (2)
Técnicos	96,7% (29) 3,3% (1)	ISC- 70% (21) ITU*- 16,7% (5) ITR- 13,3% (4)

Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

*ISC= Infecção no sítio cirúrgico

*ITR=Infecção no trato respiratório

*ITU= Infecção no trato urinário.

De acordo com a tabela 4, em relação as técnicas de lavagem das mãos 90% (9) dos enfermeiros e 96,7% (29) dos técnicos de enfermagem conhecem e técnica correta para lavagem das mãos, enquanto 10% (1) dos enfermeiros e 3,3% (1) dos técnicos não conhecem. A higienização das mãos tem como objetivo proteger o paciente, e após o procedimento, proteger o profissional. Em todos os momentos a lavagem das mãos é importante para a garantia da qualidade da assistência prestada. O profissional que não realiza a lavagem correta das mãos está deixando de cumprir o princípio elementar de higiene (REZENDE et al., 2012).

A higienização das mãos deve ser realizada antes e após o contato com o paciente, antes de calçar e ao remover as luvas, entre um paciente e outro, entre um procedimento e outro ou em situações em que possa ocorrer

transferência de secreções do paciente para o ambiente, quando houver contato com qualquer tipo de líquido corporal, secreções, excreções e materiais ou equipamentos contaminados (MOTA et al., 2014).

Se tratando das principais tipos Infecções hospitalares acometidas no bloco, 80% (8) dos enfermeiros e 70% (21) dos técnicos de enfermagem relatam que as Infecções do Sítio Cirúrgico (ISC) são as mais frequentes, outros 20% (2) dos enfermeiros e 16,7% (5) dos técnicos afirmam que a infecção mais frequente se trata da Infecção do trato respiratório (ITR), enquanto 13,3 % (4) dos técnicos de enfermagem relatam que a Infecção no Trato Urinário (ITU) é a mais frequente.

Os dados coletados não condizem com outras pesquisas realizadas, segundo Maciel e Cândido (2010) as infecções do trato urinário (ITU), representam em estudos nacionais e internacionais a primeira causa da infecções no bloco. Algumas cirurgias necessitam da instalação de sondas vesicais, dependerá do tipo de cirurgia e do protocolo da instituição. Mesmo com técnica asséptica durante a instalação do cateter e o coletor de urina fechado, 50% dos pacientes apresentam urina colonizada após 48 horas de caracterização.

De acordo com a ANVISA (2009) a infecção do sítio cirúrgico ocupa a terceira posição entre todas as infecções ocorridas no serviço de saúde, compreendendo cerca de 14% a 16% daquelas encontradas em pacientes hospitalizados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O controle das infecções hospitalares está diretamente relacionado à mudança de comportamento dos profissionais de saúde. Diante do que foi exposto pode-se observar que os profissionais de enfermagem do hospital Regional de Afogados da Ingazeira tem conhecimento sobre as IRAS, porém é necessário investimentos para o treinamento e prevenção dessas infecções.

Verifica-se que os profissionais conhecem a técnica correta da higienização das mãos, o que se mostra um resultado positivo, pois a maioria das infecções são veiculadas pelas mãos dos profissionais. Em relação ao uso dos EPI nota-se que a maioria faz uso dos equipamentos.

No que se refere aos principais tipos de infecção hospitalar nota-se uma diferença nos dados coletados com os achados na literatura, onde a Infecção do trato urinário acontece com menos frequência comparado a outras instituições.

É necessário que todos os profissionais da área da saúde que estão envolvidos diretamente com a assistência a saúde tenham consciência que o controle da infecção e os cuidados na utilização de EPI é fundamental para o processo de cuidar, reduzindo o tempo de internação do paciente no hospital e melhorando a assistência de enfermagem.

A enfermagem mostra-se como elemento de grande importância para redução dos níveis de infecções nos hospitais, e o modo mais fácil e correto de prestar essa assistência é realizando os procedimentos e o cuidar com os equipamentos de proteção individual e conhecimento das técnicas assépticas.

REFERENCIAS

ANVISA. **Sítio Cirúrgico: Critérios Nacionais de Infecções relacionadas à assistência à saúde**. Brasília, 2009. Disponível em: <<http://www.cvs.saude.sp.gov.br/pdf/CIHCadernoB.pdf>>. Acesso em: 29 de março de 2017.

BATISTA, O. M. A; MOURA, M. E. B; NUNES, B. M. V. T; SILVA, A. O; NERY, I, S; Representações Sociais de Enfermeiras Sobre a Infecção Hospitalar: Implicações para o Cuidar Prevencionista. **Rev. Enfermagem. UERJ**, Rio de Janeiro, v.20, n. 4, p. 500-506, 2012. Disponível em: <<http://www.facenf.uerj.br/v20n4/v20n4a15.pdf>>. Acesso em: 01 de outubro de 2016.

BRASIL. Conselho Nacional De Saúde. **Resolução n. 466 de 12 de dezembro de 2012**. Trata de pesquisas e testes em seres humanos. Brasília: Diário Oficial da União, 2013.

BRASIL. Ministério do Trabalho. **NR-6: equipamento de proteção individual - EPI**. In: Segurança e Medicina do Trabalho. 61a. ed. São Paulo: Atlas; 2007. p.73-80.

CAMARGO, M. D; MARTINATO, L. H. M; SILVEIRA, D. T; Higienização hospitalar: etapas de desenvolvimento em ambiente de intranet. **Jornal ofhealthinformatics**. Rio Grande do Sul, v.7, n.4, p. 121-126, 2015.

Disponível em: <<http://www.jhi-sbis.saude.ws/ojs-jhi/index.php/jhi-sbis/article/view/362/244>>. Acesso em: 01 de outubro de 2016.

CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM: **Pesquisa inédita traça perfil da Enfermagem**. Disponível em: <<http://www.leffa.pro.br/textos/abnt.htm>>. Acesso em: 23 de março de 2017.

DUTRA, G. G et al. Controle de Infecção Hospitalar: Função do Enfermeiro. **Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online**. Rio de Janeiro, v.7, n.1, p. 2159-2168, 2015. Disponível em: <http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/3571/pdf_1471>, Acesso em: 01 de outubro de 2016.

FASSINI, P; HAHN, G, V; Risco à segurança do paciente em unidade de internação hospitalar: Concepções da equipe de enfermagem. **Rev. de enfermagem da UFSM**, Santa Maria, v. 2, n. 2, p. 290-299, 2012. Disponível no link: <<https://periodicos.ufsm.br/reufsm/article/view/4966/3753>> Acesso em: 29 de março de 2017.

FERNANDES, J. S. et al. Qualidade de vida dos enfermeiros das equipes de saúde da família: a relação das variáveis sociodemográficas. **Rev. Texto contexto enfermagem**, Florianópolis, v. 9, n. 03, p. 434-442, 2010. Disponível no link: <<http://www.scielo.br/pdf/tce/v19n3/a04v19n3>> Acesso em: 23 de março de 2017.

FONSECA, G. G. P; PARCIANELLO, M. K. O enfermeiro na comissão de Controle da Infecção Hospitalar na Perspectiva Ecológica: Relato de Experiência. **Revista de Enfermagem do Centro Oeste Mineiro**. Minas Gerais, v.4, n. 2, p. 1214-1221, 2014. Disponível em: <<http://www.seer.ufsj.edu.br/index.php/recom/article/view/441/756>>. Acesso em: 01 de outubro de 2016.

LOBIONDO-WOOD, G.; HABER, J. **Pesquisa em enfermagem: métodos, avaliação crítica, utilização**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2001

MACIEL, C. C. S; CÂNDIDO, H. R. L. F; Infecção hospitalar: principais agentes e drogas administrativas. **Rev. Eletr. de Ciências**, v. 3, n. 1, 2010. Disponível no link: <<http://veredas.favip.edu.br/ojs/index.php/veredas1/article/view/107/222>>. Acesso em: 30 de março de 2017.

MOTA, E. C. et al. Higienização das mãos: uma avaliação da adesão e dos profissionais de saúde no controle das infecções hospitalares. **Rev. de Epidemiologia e Controle de Infecção**, Santa Cruz, v. 4, n. 1, 2014. Disponível no link:

<<https://online.unisc.br/seer/index.php/epidemiologia/article/view/4052/3379>>.

Acesso em: 29 de março de 2017.

PRESTES, M. L. M. **A pesquisa e a construção do conhecimento científico**. 3. ed. São Paulo: Rêspel, 2008.

REZENDE, K. C. A. D. et al. Adesão à higienização das mãos e ao uso de equipamentos de proteção pessoal por profissionais de enfermagem na atenção básica em saúde. **Rev. Cien. Cuida. Saúde**, v. 11, n. 2, p. 343-351, 2012. Disponível no

link:<<http://educem.uem.br/ojs/index.php/CiencCuidSaude/article/view/15204/pdf>

>. Acesso em: 29 de março de 2017.

SANTOS, R. P; MARIANO, L. R; TAKAHASHI, L. S; ERDMANN, M. F. Prevalência de Infecção Hospitalar em unidade de Terapia Intensiva – um estudo retrospectivo. **Revista de Enfermagem da UFSM**. Paraná, v. 4, n. 2, p. 410-418, 2014. Disponível em:

<<https://periodicos.ufsm.br/reufsm/article/viewFile/11233/pdf>>. Acesso em: 06 de outubro de 2016.

TALHAFERRO, B; BARBOZA, D. B; OLIVEIRA, A. R; Adesão ao uso dos equipamentos de proteção individual pela enfermagem. **Rev. Cie. Médica**, Campinas, v. 17, n. 3, p. 157-166, 2008. Disponível no link: <[http://periodicos.puc-](http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/cienciasmedicas/article/view/753/733)

[campinas.edu.br/seer/index.php/cienciasmedicas/article/view/753/733](http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/cienciasmedicas/article/view/753/733)>. Acesso em: 29 de março de 2017.